



projeto
ESCRE
vivências

Maringá, 2023

E-book: resultado das oficinas

Distribuição digital gratuita

Venda Proibida

Produzido com verba de Incentivo à Cultura
Lei Municipal de Maringá nº 11200/2020
Prêmio Aniceto Matti



MARINGÁ
CULTURA

Sumário

- 03.** Apresentação
- 07.** Cachoeira
- 08.** Caboclos
- 09.** Soltura
- 13.** Universo
- 14.** A linha torta fora da caixa
- 15.** A garota sem nome
- 18.** Ela e elas
- 19.** Homeopatia
- 20.** Meus dois filhos
- 21.** A chegada
- 22.** O despertar
- 24.** O visitante
- 26.** Os dias de luta e a vitória
- 28.** A coisa mais dolorosa que já ouvi
- 31.** Daqui dez anos
- 33.** Primos
- 35.** Aventuras e uma perna quebrada
- 37.** Quando a casa engole a gente
- 38.** Das tardes de rainha
- 39.** Tangerina
- 40.** Conexão
- 42.** Nunca é a mesma tinta, nem a mesma cômoda
- 43.** Maré alta
- 44.** Medos e infância
- 45.** A cidade sem semáforos
- 47.** Por via das dúvidas
- 48.** Certezas
- 51.** O risco preto das pálpebras inferiores
- 52.** O marinheiro
- 54.** Memórias de uma vó



Apresentação

Era um jogo que eu fazia entre a palavra “escrever” e “viver”, “se ver” e culmina com a palavra “escrevivência”.

CONCEIÇÃO EVARISTO

No início de 2023, nós, do **Ateliê CULTURAMA**, realizamos um sonho: possibilitar a experiência da escrita literária à comunidade de Maringá e região. Escolhemos **Conceição Evaristo** para homenagear e nos guiar neste projeto, porque sentíamos a necessidade de sangrar. De sangrar pela escrita, de sangrar em coletividade, de unir fluxos de sangues diversos e minoritários. A literatura dessa grande escritora foi as veias por onde nossos sangues correram juntos durante as tardes em que nos unimos para escrever. **Escrevivemos** com ela como forma de agradecimento por ter nos ensinado que toda vida é material literário valioso.

Durante o mês de março, reunimo-nos em três oficinas de escrita literária, organizadas por nós, **equipe CULTURAMA**. Tais oficinas – gratuitas – tinham como objetivo formar leitores e escritores. Com carga horária de 4h, as aulas aconteceram nos dias 17, 18 e 25 do referido mês e foram ministradas pelas professoras de Língua Portuguesa, Literatura e Redação **Aline Rodrigues dos Santos** e **Maria Julia Werneck**. Elas compartilharam técnicas de escrita e de leitura e orientaram a produção de narrativas literárias. A cada dia, 10 vagas foram disponibilizadas à comunidade, totalizando, ao final, 30 escrevivências. Na última etapa do projeto, os textos produzidos foram transformados em um podcast coordenado pela compositora, professora e produtora musical Raquel Carreira. O nosso **Escrevicast** contou com vozes de pessoas da nossa comunidade, que interpretaram lindamente cada história, e está disponível gratuitamente no Spotify e lá você poderá ouvir os contos lindos e potentes das (os) nossas (os) escrevíveis.

Conceição Evaristo ensinou a escrita contaminada pela vida das minorias, vidas que podem fazer literatura por uma perspectiva inovadora, que denuncia a realidade ao mesmo tempo em que a transforma. Por isso, o projeto visou formar escritores cuja matéria-prima da escrita foi a própria vida. Para tanto, realizamos leituras de trechos escolhidos de obras literárias consagradas, como **“Ponciá Vicêncio”**, de Conceição Evaristo; **“Quarto de Despejo”**, de Carolina Maria de Jesus; **“A Cor da Ternura”**, de Geni Guimarães, entre outras. Na sequência, os textos foram discutidos e, por fim, as narrativas pessoais foram produzidas, orientadas e corrigidas pelasicineiras. O público-alvo envolveu (a partir de 14 anos) a diversidade de minorias existentes na cidade de Maringá, com foco também em alunos de escolas públicas.

Nós, da equipe **CULTURAMA**, saímos todas transformadas desse projeto. Conseguimos entender, agora, um pouco do que a própria **Conceição Evaristo** nos diz: escrever é uma forma de sangrar! Pudemos, enfim, sangrar por nossas veias minoritárias. E, se esse projeto pôde criar uma realidade um pouco mais libertária para cada participante, podemos, então, dizer: o sonho está apenas começando.

Compartilhamos, neste **e-book**, as **escrevivências** das (os) nossas (os) participantes com vocês, leitoras e leitores. Esperamos que ele ajude a cavar um espacinho de liberdade em vocês e que vocês sintam, pelo menos um pouquinho, da potência transformadora destas histórias. Leia, ouça o **Escrevicast**, e: escreva, viva e se veja. Sua vida é material literário valioso.

“

“Quando Ponciá Vicêncio viu o arco-íris no céu, sentiu um calafrio. Recordou o medo que tia vera durante toda a infância. Diziam que menina que passasse por debaixo do arco-íris virava menino. Ela ia buscar o barro na beira do rio e lá estava a cobra celeste bebendo água. Como passar para o outro lado? As vezes ficava horas e horas na beira do rio esperando a colorida cobra do ar desaparecer. Qual nada! O arco-íris era teimoso!

Dava uma aflição danada. Sabia que a mãe estava esperando por ela. Juntava, então, as saias entre as pernas tampando o sexo e, num pulo, com o coração aos saltos, passava por debaixo do angorô. Depois se apalpava toda. Lá estavam os seinhos, que começavam a crescer. Lá estava o púbis bem plano, sem nenhuma saliência, a não ser os pelos. Ponciá sentia um alívio imenso. Continuava menina. Passara rápido, de um só pulo. Conseguira enganar o arco e não virara menino”.

”

Conceição Evaristo



Equipe ATELIÊ CULTURAMA.
Produzido com verba de Incentivo à Cultura
Lei Municipal de Maringá n.º 11200/2020
Prêmio Aniceto Matti.

FICHA TÉCNICA

Aline Rodrigues professora de redação
Maria Júlia Werneck professora de literatura
Raquel Carreira produtora musical e fonográfica
Amanda Dias assistente de produção
Felipe Halison e Gabriel Gregório / IDX Pro identidade visual e projeto gráfico
Rachel Coelho / 2 Coelhos Comunicação e Cultura assessoria de imprensa
Luara Fagundes fotografia
Camila Colombo revisora dos textos.



Ateliê Culturama - Maringá - Paraná

Fotos: *Luara Fagundes*

2 – Cachoeira

Rafaela Andrezza

○ som das águas em queda, que chegava cada vez mais alto em meus ouvidos, denunciava a proximidade da cachoeira. O ar que tocava minha pele não era tão quente quanto o de alguns metros atrás, antes de adentrar e caminhar na mata. Um sorriso se construiu rapidamente em meu rosto quando meus olhos se depararam com uma libélula de azul tão intenso quanto o céu.

— Olha! — disse a Ele, que estava alguns passos à frente. Seus olhos logo encontraram o que meu dedo indicava, Ele sorriu também.

Eu contemplava o local com encantamento já fazia tempo desde a última vez que cheguei tão perto das águas. E aquelas em específico me eram desconhecidas. Não demorou muito para que o gelado logo acima do estômago, tão familiar, chegasse. Minhas pernas já não estavam mais com a mesma firmeza, meus pés hesitaram em continuar.

E se a água estivesse fria demais? E se eu não conseguisse me equilibrar sobre as pedras? E se eu caísse? O que sobraria depois da queda?

Eu já nem enxergava mais o que estava à minha frente. Minha mente só via abismos, nada mais.

— Me dê a mão, vai não vai se machucar — Ele me assegurou. Porém, o abismo parecia mais perto. Mais certo. Como sempre foi.

— Não sei se tenho coragem — consegui finalmente falar.

— Você consegue. Nós vamos entrar juntos.

Estendi minha mão. Nós pulamos. Cada centímetro do meu corpo agora submerso nas águas frias.

Emergi à superfície. Seus olhos fitaram os meus. Agora sua mão envolvia a minha com ainda mais firmeza.

Sorri, aliviada.

3 – Caboclos

Erik Freitas

Olá, meu nome é Slade, desde que nasci já me aconteceu muitas coisas ruins e pouquíssimas vezes foram boas.

Quando eu tinha 3 anos, estava na casa do meu pai. A casa do meu pai tinha alguns degraus. Ele estava distraído, e eu estava perto dos degraus e acabei caindo e batendo duas vezes a minha cabeça.

Me levaram para o hospital e acabei sendo internado. Depois dos exames, eu estava na maca e ficava de frente para o corredor, e minha mãe do lado da porta.

Eu via índios com chapéus com penas e eu falava o que via, mas ela dizia que não tinha nada. Eu, mesmo tendo apenas 3 anos na época, consigo, até hoje, me lembrar de como eles eram.

Eu e minha família somos da Umbanda. Então, sempre fui acostumado a ver entidades e, só depois de muito tempo, fui entender o que eles estavam fazendo ali no hospital. Eram caboclos que estavam ali ajudando as pessoas que estavam doentes.

Logo depois, comecei a ter epilepsia e convulsão. Tive que tomar remédio para tratar pelos próximos sete anos.

Nos dias atuais, não preciso mais de remédio. Agora faço parte de um terreiro “culto aos orixás”.

Minha vida está bem melhor. Estou me esforçando para passar de ano na escola.

E só posso dizer que estou aproveitando cada dia como se fosse o último.

E este é o primeiro texto que eu falo sobre mim e sobre minha vida.

4 – Soltura

Luana Branquinho

Vim de um lugar de tristeza. Desde pequena bebi das salgadas águas das lágrimas do luto. Mas a vida é curiosa e tem outros sabores e momentos. Nos leva, nos embala, ensina a andar, a falar e, no meu caso, a cantar. Lá estava eu, dura e rígida diante do espelho em uma aula de canto. Meu professor ao piano martelava as teclas. Cada nota me oprimia mais e mais...

Tudo na sala parecia cinza, denso e frio.

— Mais pressão na coluna de ar. Vamos! Suas notas altas não têm harmônicos.

Cada direcionamento dele parecia um dialeto distante e desconhecido. Cada vez mais comprimia a minha barriga, cada um dos músculos do abdômen junto com o diafragma estava rígido e tenso. Cantar o estilo lírico exige um pouco mais de tensão. Meu ventre estava duro demais e não deixava a expiração e, conseqüentemente, a voz sair.

Estava com ar aprisionado, desesperada e sem conseguir deixar a voz fluir. Plena, mas constricta.

— Sinta a gravidade, sinta o movimento. A voz precisa de gravidade. Vamos! Caminhe!

Me coloquei a andar pela sala... De olhos fechados a segurar a frustração, desejava de todo o coração soltar a voz. Me recordava de cada palavra do meu professor.

Pensar me deixa impotente às vezes, pois a música me vem de dentro, de um lugar longínquo e distante. Profundo e íntimo, totalmente descontrolado. Tem vezes que dói mostrá-lo, dar de si mesmo dói um pouco. O medo me fecha a garganta e nada passa, só uma voz fina e aguda e apitada.

E essa não sou eu, minha voz é aguda, profunda, aveludada e escura. Eu a conheço... Ao fundo escutei meu professor novamente dando direcionamentos:

— Procure uma imagem! Vamos! A gravidade, a gravidade!

Algo em mim explodiu. Mirei com os olhos de dentro lugares altos e tempestades violentas. Há essa força única na sensação de penhasco, seja nas grandes ou pequenas coisas...

Então saltei de um imenso penhasco à beira de um mar imenso, cada onda forte e rasgada. Essa grandiosidade soltou minha garganta e a boca se expandiu.

A voz saiu e assim eu fui. Notas altas, agudas e escuras. Grande, bem grande por instantes.



Tem podcast de escrita criativa no seu streaming.

ESCREVi
cast

Já disponível!

Realização



Produzido com verba de Incentivo à Cultura
Lei Municipal de Maringá nº 11200/2020
Prêmio Aniceto Matti



acesse pelo QR Code:





Fotos: *Luara Fagundes*

5 – Universo

Tuany Yukari Yagura

Gosto muito de me inscrever em oficinas, normalmente em lugares que me permitem me expressar. Mas o que é expressão? E ela não vem acompanhada em tudo? Afinal, sou sempre eu.

As oficinas auxiliam a organizar os turbilhões de sensações que ando sentindo ao mesmo tempo. É que tudo é tão barulhento.

Nesses lugares, é constante ter que se apresentar e me perguntam: “quem é você?”. E eu sempre acabo entrando, me enfiando, me realocando e indago quem sou eu. É que ser eu nunca é o suficiente, então como posso demonstrar em um minuto sobre o meu eu? Você gostaria de ouvir o que eu costumo fazer ou o que posso ser agora? Sou multidiversa, possuo multifacetas. Não me sinto no direito de estabelecer o que ainda não sei.

Quando vou falar de mim, eu lembro do mar, que, ao mesmo tempo que é calma num dia de sol, com o aconchego do calor sobre a pele, cheio de “proteção” solar, também é barulho distante de sambinha numa caixinha de som, pés se afundando na areia.

Também sou uma tempestade que carrega com ela a melancolia de se viver, das sombras nas nuvens carregadas de gotas de chuva, dos estrondos e barulhentos trovões e do mar que se agita incessavelmente como se (isso) durasse eternamente.

Acho que saber o que é a VIDA é lidar com as dualidades, sombras e dias de luz, mas observar os dias nublados acompanhados de arco-íris.

Falar de mim é adentrar pelo buraco que foi cutucado e escavado por alguém, pelas pessoas que passaram por mim sob o meu corpo, observar as complexidades que percorrem até chegar nas minhas vísceras e “des”-encontrar tudo que acho que sei sobre certezas.

Mas por enquanto sou quem me sinto confortável na medida que sou, das entranhas, carregando as possibilidades do que eu posso ser.

E sobre as oficinas, me internalizo e compartilho cada vez mais sobre o que me conheço no agora. É misterioso não se entender, somos um universo... né?

6 – A linha torta fora da caixa

Luana Carolina Gonzalez Carvalho

Eu sempre gostei das linhas tortas de Deus, sim, desse ditado que você lembrou. Mas quem gosta de linhas tortas num mundo exigente de perfeição? Eu sou uma linha torta e, daqui até o fim, todos serão linhas tortas de uma história em cena.

Mas isso é algo ruim ou bom? Mulher, lésbica, gorda, militante, bem fora do padrão, do que o mundo diz ser “padrão”. Calma, estou quase chegando naquele dia.

Sinto dizer, não, não sinto, mas a história aqui não é sobre linhas tortas, é sobre amor, e o que é amor pro linha torta? Nós podemos amar? Que conceito de amor esse padrão criou que deixou a linha torta fora desse sentimento? Eu sabia que você ia achar uma linha torta na sua história. É aquela velha questão da dificuldade de viver o amor sendo homem, mulher, lésbica, gay, preto, pobre e você sabe. Linhas tortas não vivem dentro de caixas.

Naquele dia, eu me lembro de estar no meu lugar favorito, com aquela pessoa que olhou fora da caixa. Eu não sabia muito o que esperar daquele encontro. Sim, era um encontro, mas eu estava ali vivendo aquele encontro.

Foi quando ela pegou na minha mão. Sim, romanticamente, mãos entrelaçadas, sorrisos e aquela sensação, sabe? Os cento e um pensamentos ouvidos, em vários momentos da minha vida, de que eu nunca viveria o amor, de que nunca ninguém me escolheria, sendo enterrados com o turbilhão de emoções vivido naquela hora. E, sim, aconteceu o beijo. E vários outros beijos em outros dias. Várias mãos entrelaçadas de uma paixão assumida.

Sobre o amor, eu continuo descobrindo os vários conceitos desse sentimento. Eu amo e posso ser amada, e o amor pode ser encontrado na vida de alguém com uma história cheia de linhas tortas.

7 – A garota sem nome

Raiane Marques

Como toda manhã de um dia útil, as ruas eram ocupadas por pessoas caminhando em direção ao seu cotidiano, suas obrigações de rotina. Sentada em um banco esperando o ônibus, estava uma moça de 26 anos: cabelos curtos, semblante desanimado e confuso.

Assim como todos os caminhantes na rua, a mocinha de olhar tristonho estava vivendo sua vida e seguindo o fluxo dos acontecimentos.

Com passos calculados em direção ao ônibus, entre um bom-dia delicado e sutil dedicado ao motorista, a mocinha se encolhe vagarosamente no banco ao lado da janela, visualizando o fluxo de imagens que passam como os segundos. Chegando ao seu destino, a moça, ausente por meses, retorna ao local de trabalho.

Os olhares se direcionam completamente para a imagem daquela que estava longe fisicamente, mas presente nos burburinhos criados pela imaginação fértil e um tanto perversa de seus colegas.

Alguns diziam que ela tinha fugido com o namorado, sem deixar explicações, outros comentavam que a sua tentativa de suicídio não passava de mais um de seus teatrinhos, que ela performava como uma boa atriz.

Muitos comentavam entre amigos sobre a mocinha ser entre ‘chata’ e “dramática” e coisas dessa natureza.

A mocinha andou pelo prédio apreensiva, mesmo não sabendo o que de fato estavam comentando, porém tinha ideia de que todos sabiam o que tinha acontecido.

Mesmo com toda a pressão do momento, se direcionou ao supervisor e disse:

— Quero assinar os papéis da demissão.

Fez todo o processo como deve ser feito, deixou o lugar como se não carregasse nada além desse novo “ser” que renasceu com uma nova fase.

Naquela tarde, o sol estava intenso e seus cabelos lisos e castanhos ganharam uma nova cor, uma cor que não tinha nome, que ninguém conhecia.

A mocinha adentrou a multidão de gente, e, após alguns minutos, não era possível visualizar seus traços, virou muitas, várias, centenas e depois sumiu.

Ninguém tinha visto ou ouvido falar sobre ela. Alguns criavam histórias sobre ter fugido do país, viver em uma fazenda, morar longe, muito longe, enquanto outros preferiam pensar que ela era mesmo personagem e que a vida era uma grande história sem explicação.



Fotos: *Luara Fagundes*

8 – Ela e elas

Daniele Borges

Ela era menina e brincava no quintal como se aquele lugar fosse o seu ensaio para o mundo. E foi, ali ela sonhava, sorria, chorava, se levantava e, entre as descobertas e os arranhões, o tempo foi passando. Em algum momento da nossa vida, ela chegou a pensar que ali seria o seu lugar, onde poderia sempre sentir-se segura, livre e confiante. Porém não foi assim e ela partiu. E, como esse quintal, para alguns lugares e sentimentos ela escolheu jamais voltar.

A magia de enxergar o mundo com os olhos de infância foi aos poucos devorada pela realidade. Descobrir o seu lugar não é uma tarefa fácil, sentir-se segura, então, é algo muito relativo, especialmente para as mulheres. Ainda carregada pelas descobertas de seu quintal, a menina cresceu com sonhos modestos e sentiu na pele a angústia e a inquietação por não se encaixar aos “padrões” da sociedade. Sonhar em ser livre era demais!

Logo ela percebeu que o conhecimento é o caminho mais próximo da liberdade que ela poderia chegar e por ele se enveredou. Conquistou bens, carreira e o status de um “bom casamento”, finalmente encontrou seu lugar. Não.

Nesse instante da vida, ela sentiu falsa segurança, porém o sentimento de ser livre e confiante se distanciava.

O status alcançado era nada mais que uma farsa. As aparências eram mantidas em nome de uma comodidade social, e, mesmo percebendo algo estranho, ela não tinha clareza da real situação à qual se submetia, algumas palavras duras eram vistas como pequenos momentos de fúria, mas ela não podia sequer aumentar o tom de voz que já era taxada como louca, desequilibrada... Porém ela relevou e tentou se convencer de que aquilo era normal, até que um dia ousou se apaixonar.

A paixão viria apenas para libertá-la, mas passou como um furacão sobre sua confortável vida de mulher bem-casada. Para viver essa paixão, ela teve que se despir de tudo, de todas as suas convicções e das regras que lhe impuseram, das tradições familiares, das aparências. Seu companheiro, o “marido” perfeito, se transformou num verdadeiro chacal (devorador de carne), passou a devorá-la de todas as maneiras para autoafirmar sua masculinidade ferida. Perseguição e dor foram suas companheiras em uma jornada pela busca de seu lugar nesse mundo de chacais.

9 – Homeopatia

M.S.

Ela lembra muito bem o primeiro olhar dele para ela. Não foi a primeira vez que o viu. Foi a primeira vez que ela o olhou. NOS OLHOS! Na verdade, ele a olhou. Ele a penetrou com um olhar forte e sustentado. Ela retribuiu e assustou. Assustou, pois nunca havia pensado. Naquele momento pensou, gostou e desejou. Repensou: “não pode ser. Só pode ser minha imaginação”. E não pensou mais nisso.

Duas semanas depois, ela o encontra novamente. Lembrando e querendo aquele mesmo olhar. O olhar veio. E ela prontamente pensou: “será? será mesmo?”. Estava imaginando? Não estava. Em uma madrugada, em um sofá estranho, ela se entregou àquele conhecido completamente desconhecido. Foi embora confusa e em êxtase. Acordou, tomou banho e, com tantos outros barulhos, não pensou mais em nada.

Sua vida seguiu seu curso. Trabalho, leituras, estudos, ensaios de dança, compromissos sociais e familiares e encontros com as amigas.

Um tempo depois, outro encontro aleatório e inesperado. Euforia, alegria, excitação e dúvidas brotavam em todo o seu corpo. “Vou curtir minha noite”, ela pensou. E, quando deu por si, já estava perfeitamente encaixada no corpo dele. Se permitiu. Aproveitou, se lambuzou e gozou.

E foi sempre assim: encontros aleatórios, cheios de euforia e dúvidas. Encontros que acabavam sempre com ele preenchendo todos os seus buracos. Ele ia embora, sempre ia. Seu cheiro e gosto permaneciam.

Um dia, corte total e com força. Dele não soube mais nada. Só tinha a sua lembrança latente e pulsante. Foi viver a sua vida. Trabalho, estudos, leituras, ensaios e alguns encontros. Nada parecido com o que ele provocava nela.

Dois anos depois, o mesmo encontro aleatório, o mesmo olhar penetrante. Continuavam de onde pararam. O encaixe estava ainda mais perfeito. Os espasmos provocados por ele em seu corpo ainda estavam lá. Tudo em dose homeopática, e o que ela gostaria mesmo é de uma dose cavalgar.

10 – Meus dois filhos

Alenides da Silva Araújo

Em Corumbataí do Sul, cidade pequena do Norte do Paraná, vivi momentos da minha infância de que me recordo com alegria. Éramos crianças e andávamos de bicicleta pelas ruas, jogávamos bola, andávamos na chuva e, até na enxurrada, jogávamos bexigas, balanço-caixão, mas também ajudávamos em afazeres de casa, uma liberdade incrível como não vemos hoje nas crianças das grandes cidades, que são somente TV, tablet e celular.

Com 13 anos, estava vindo ganhar a vida em Maringá, sozinha e sem ajuda financeira dos meus pais, pois eles não tinham condições, eram dezenove filhos. Trabalhei, porém com pessoas que cuidaram de mim.

Enfim, muitos desafios. Muitas vezes era só um pão com banana, que era mais barato. Comecei a namorar aos 16 anos e casei com 21.

Tive um filho, Lucas Eduardo. Quando ele estava com 7 anos, aconteceu o divórcio e sozinha criei o meu filho com dificuldade. Procurei dar o melhor que podia: amor, discernimento, educação etc. Tudo o que podia acrescentar para que se tornasse uma pessoa de bem. Tudo isso valeu muito a pena, hoje somos três, porque adotei Pedro Gabriel, meu segundo filho, que veio em 2015. Hoje ele tem 7 anos e é muito amado por toda a família. Aos 3 anos, ele me perguntou: “Mãe, por que todo mundo me ama?”.

Somos muito ligados um ao outro. Faço leitura todas as noites e oração antes de dormir. Ele sempre me pede um abraço, um dia, quando me pediu: “Mãe, me dá um abraço”. Eu disse: “Eu não”. Ele arregalou o olho e triste perguntou: “Por quê?”. Eu disse: “Ah, porque eu quero te agarrar”. Então todas as noites me faz a pergunta só pra ouvir que não quero abraçar, mas quero agarrar e sorrir e acha muito divertido. Faço tudo o que posso pelos meus filhos e vivemos muito felizes não pelo que temos, mas pelo que somos. Tudo isso com ajuda, em primeiro lugar, de Deus e também da minha mãezinha que faz de tudo para nos ver bem.

11 – A chegada

Rúbia Miranda

Era dezembro de 2017, uma quarta-feira. Naquele dia, uma de minhas irmãs faria sua defesa do Doutorado. Infelizmente não pude comparecer, mas estaria de longe emanando boas energias. À época eu trabalhava em um hospital e o dia seguia como os outros, isto é, muitas pessoas aguardando atendimento, cada um com sua demanda, médicos correndo de um lado para o outro e o calor típico de dezembro. Era próximo do almoço e, em meio à correria, recebi uma mensagem da minha irmã mais velha dizendo:

— Me ligaram do fórum pedindo para ir buscar o bebê, estou nervosa, não vou conseguir dirigir, chamei a Hosana e o Vinicius para irem comigo.

Naquele momento paralisei, li e reli umas três vezes para ver se tinha entendido mesmo. A ficha não caía. Afinal, minha irmã estava há cinco anos na fila de adoção e, por esse motivo (o tempo), tínhamos acalmado o coração, pois entendíamos que naquele ano o fórum encerraria suas atividades naquela semana, e foi pelo mesmo motivo que eles tiveram a urgência em liberar os processos. Confesso que passei o restante da tarde em estado de euforia, afinal, quando chegasse em casa, haveria um novo membro na família, uma criança! Aliás, até o momento, a única “criança” de casa era o Bentinho, nosso cachorrinho, que ganhou esse nome em homenagem a Machado de Assis. Mas, voltando ao novo membro da família, seu nome é Lorenzo, 41 dias de vida, lindo e saudável. A tarde passou e finalmente pude ir para casa, tentei ir o mais rápido possível, pois o que mais desejava era conhecê-lo. Quando cheguei em casa, lá estava o Lolô (mais tarde era assim que o chamaria).

Foi indescritível o que senti no momento em que o peguei no colo. Era um misto de amor, ternura e alegria. Fiquei olhando, e ele, com os olhinhos atentos, também me encarava. Então apenas disse:

— Bem-vindo, Lorenzo, a tia já te ama, você será meu melhor amigo, vou ler muitas historinhas pra você e vamos ouvir muito Legião Urbana, Nando Reis, Chico Buarque, entre outros.

Ali nascia um elo de amor entre Lorenzo e nossa família e, parafraseando Djavan: “Um amor puro, te amar sem limites, viver uma grande história”.

12 – O despertar

Emerson Bueno

Em um passado muito distante, no ensino fundamental, aconteceram diversas vivências ruins. Me lembro de quando, na fila do recreio, por ser tímido e bem acuado, sofria muito bullying e recebia apelidos desagradáveis que facilmente grudavam na boca das pessoas. Um dos apelidos era “nariz de bruxo”, e eu não me sentia bem, mas não reagia, sempre guardava as ofensas e isso me atrapalhava em diversas coisas na minha vida, pois o que acontecia na escola refletia fora dela também.

Era uns apelidos sobre minha aparência física que me faziam parar para observar e pensar e isso se potencializava, a ponto de atrapalhar a minha vida social. Me recordo de momentos em que marcava encontros na praça e evitava sentar de lado para a pessoa no banco, para evitar que ela reparasse no meu nariz.

Convivi por muito tempo da minha infância e adolescência com esse apelido, que hoje só ficou como lembrança.

Os apelidos não me afetam mais. Conforme fui crescendo, fui deixando esses sentimentos de inferioridade de lado. Hoje eu sei que nada do que me falavam antigamente pode me abalar mais.



13 – O visitante

Leticia Felix

Dona Sueli tinha doze pratos novos, porcelana adornada, guardados a sete chaves para ocasiões especiais. Tânia, vez ou outra, fitava o conjunto empilhado no armário, se perguntava quando a ocasião especial aconteceria e quem seria o convidado digno de tal graça.

Era tarde de chuva quando o pai trouxe a boa nova: alguém importante viria jantar: “homem de contatos”, Seu Antônio o chamou assim. Tânia não compreendia o que aquilo significava, mas julgava ser bom. Se o pai estava empolgado, ela estava feliz.

Mamãe lhe vestiu com roupa boa, mesmo que fossem ficar em casa. À noite, ela carregou apenas dois dos pratos pesados, morrendo de medo de derrubá-los. Papai e mamãe falaram de coisas chatas, sobre sucos, vendas e coisas de adulto. Tânia não prestava atenção, sua mente estava curiosa e imaginava como o homem seria, o que vestia, se já conheceu a rainha, se já viajou de avião. Queria também saber quem vinha com ele, pois seus pratos foram postos à mesa.

A campainha tocou e seu coração deu um pulo. Papai correu para o portão, mamãe aquietou o cachorro. Tânia grudou na janela, aguardando a procissão. A realidade lhe atingiu com desalento: o “homem de contatos” era normal. Não andava a cavalo, nem vestia roupa pomposa. Era parecido com o pai, usava camisa cor-de-rosa. Tânia voltou para a mesa, sentou-se em seu lugar favorito, bebeu do suco do pai. Não perdeu as esperanças, pois mamãe não usaria os pratos bonitos com alguém comum. Podia ser um lorde disfarçado.

Quando a trupe adentrou a sala, seu coração deu outro pulo. Atrás do homem, vinha uma mulher loura e bonita, que sorria com dentes de mais, e, ao seu lado, um garoto pálido, de cabelo parecido com as tigelas de sopa da mamãe. Tânia sentiu sua barriga girar, cócegas no coração. Seus olhos não conseguiam desgrudar do rosto angelical nem do sorriso tímido que lhe foi ofertado. Quando papai lhe pediu para chamá-lo para brincar, sua mão tremeu um pouco.

Tânia lhe mostrou seus jogos, bonecas, pião. Ele riu de sua imitação de porco, involuntário fruto de um riso. Ambos brincaram, viajaram até o Japão, desenharam um mundo de cor, pularam no colchão. Ele era um príncipe, seu peito tinha certeza. Daqueles que apareciam nas histórias para salvar a princesa.

No fim da noite, quando se despediu, Tânia soube que mamãe escolheu o dia certo para usar os pratos. Afinal, quem seria um visitante mais digno que o amor?

14 – Os dias de luta e a vitória

Andréia Pacheco

Era o ano de 2020, eu e a vida corrida de escola, casa, filho e cachorro de todos os dias. Vejo no jornal o que eu só ouvia nos contos da avó: “Há uma doença misteriosa e sem cura, que está dizimando milhares de vidas”.

Com o passar dos dias, ela vai se espalhando, matando, amedrontando, cada dia mais perto e invisível. De um dia para o outro, o mundo parou. A gente não saía de casa, não podia ficar perto, não podia abraçar. E de repente o vírus foi levando gente conhecida, querida, amada. Quanta dor e tristeza. Nesse cenário descobri que estou doente: estou com câncer (que hora para aparecer, né?).

O medo vem: quem cuidará do meu filho? Como ficam meus sonhos e planos? Tudo isso em casa, isolada. Veio a força da fé: da família, dos amigos, do meu amor. Luto essa batalha de cuidados, visitas aos médicos, químicos, raios, cirurgias, internações.

Muita dor, muita fome, muita solidão naqueles dias nos quartos de paredes brancas. Dias e noites que nunca têm fim, solitária. Eu só queria minha casa.

Tanta gente morrendo todos os dias, mas eu não posso, minha família precisa de mim. Antes eu podia fazer tudo sozinha, levantar, ir e vir... Na cama do hospital, minha voz não sai e eu não faço nada sozinha.

Só queria minha vida de volta. As prioridades e valores mudaram, o tratamento está me transformando. O amor em forma de palavras de conforto, coragem, carinho e fé.

Sim, foram elas que me fizeram planejar novos sonhos que irei realizar depois da tempestade. Venci um câncer, venci dois cânceres e renasci. Voltei para minha casa curada. Pude pegar meu filho de novo no colo. Levanto da cama com coragem que me fez superar os obstáculos e passar a colocar os planos que fiz nos dias tristes em prática.

Pude voltar ao trabalho, paguei as promessas que fiz, me desafio aprender a nadar, encorajo a quem está passando pelo mesmo caminho que fiz. Olhar e viver momentos da vida hoje tem muito mais valor, tem o privilégio de poder saborear toda a minha existência.

Receber uma sentença de morte é difícil, mas ela só vai se concretizar se você deixar, não deixe. não! Assisti a despedidas e momentos de muita fé. Nunca deixei de acreditar que um dia tudo ia passar e eu ia ser feliz de novo. A doença passou, a pandemia passou e eu permaneço aqui, forte.

Qual é o seu problema? Para os meus, arregacei as mangas e superei. Você também supera, erga sua cabeça e caminhe um passo de cada vez. Felicidade está sempre ali, aprimore seu olhar e vai encontrá-la. Acredite que você pode aprontar e que você merece ser feliz. Escreva sua história de vida da forma mais linda que você achar. Desejo que seus dias sejam felizes e memoráveis. Tenha fé e siga em frente, sempre!

15 – A coisa mais dolorosa que já ouvi

Anônimo

Naquela noite, como em todas as outras, grunhidos de ódio se ouviram da cozinha. Eu, no meu quarto e no auge da minha revolta adolescente, não conseguia parar de ouvir a voz que vociferava palavras contra a minha mãe.

— Você é uma ordinária! Sua cínica, eu pago a luz e a água dessa casa!

A voz que fazia tanto descaso da minha mãe era por acaso alguém que, mesmo tendo meu sangue, não se importava com aquela que eu amava. Meu pai, já bêbado e com a pele avermelhada, era visível da fresta da minha porta. Conforme as palavras saíam da sua boca, meu desejo inevitável de que ele morresse invadia a minha mente.

Olhei por mais tempo a cena se desenrolar. Eu já estava cansado de ter que intervir. Me parecia um movimento inútil, já que a ameaça morava em casa. Enquanto contemplava essa cena, memórias se acenderam como chamas em minha mente.

Me lembrei de quando eu encontrei a minha mãe no chão, com uma garrafa quebrada ao lado de sua cabeça. Ou quando uma cadeira de metal foi lançada contra ela.

Queimei. Queimei dentro da chama de outras dezenas de memórias de outros dias, do meu medo de chegar em casa e encontrar a minha mãe morta.

— Por que você ainda mora aqui? — perguntei enquanto saía detrás da porta que me escondia.

— Ah, apareceu? onde você estava? O dia que você pagar as contas, aí a gente conversa — disse ele, debochando de mim.

— Um dia eu vou pagar, sim, e daí nunca mais você volta aqui. Quando eu disse essas palavras, um copo voou em minha direção. Por muito pouco, o copo que se quebrou em centenas de fragmentos na parede não se quebrou em minha cabeça.

— Me respeita, moleque! Eu quero só ver você conseguir ter futuro algum dia!

— Como é? Será que você não tá vendo o tanto que eu tô me esforçando? Você que tá aí, bebendo e gritando com os outros, que nem um idiota.

Essas palavras o fizeram levantar com muito ódio. Minha mãe, que estava quieta o tempo todo, correu em minha direção, mas não conseguiu impedir o soco que meu pai me deu.

— Você nunca vai ser nada na vida, esses poeminhas idiotas seus não vão te levar a lugar algum. O dia que você ganhar dinheiro com isso eu corro pelado na Avenida. Isso me atingiu como um raio. Foi a coisa mais dolorosa que alguém me disse.

— Você vai se arrepender de ter dito isso, eu juro.

Enquanto ele gritava, saí e fui para a casa da minha tia, que morava na casa ao lado. Minha tia, uma pessoa que sempre acreditou na própria carreira, já havia passado por situações em que ela foi diminuída por trabalhar com o que amava. Ela me entenderia.

— Vamos fazer ele se arrepender? — ela disse, olhando nos meus olhos.

— Vamos.



Fotos: *Luara Fagundes*

16 – Daqui a dez anos

Tais Fávero de Moura

São 7 horas da manhã de um sábado, mas aquele sábado não seria como os outros.

Aquele sábado seria dedicado a um ser que nem nasceu e já nos move em prol de sua futura existência.

Após um bom e saboroso café preto, iniciamos o dia de preparação do chá de fraldas da nossa querida Maria Manu.

O salão estava lindo e lá estava a futura mamãe da nossa querida Maria Manu, toda feliz com aquele momento.

O salão estava todo rosa/laranja, nem sei se essa cor existe. No fundo tinha um painel com muitas margaridas e bexigas, na mesa tinha um bolo falso e muitos docinhos que pelo menos eram de verdade e, para completar, tinha uma boneca linda, negra e com seus cabelos caracóis. Como é bom estar com ela nesse momento!

Nas mesas tinha um vaso, também com margaridas, e, em uma dessas mesas, estava eu, que, em um milhão de multiversos, nunca imaginou estar em um chá de bebê dela.

Conversamos sobre diferentes assuntos até que a dinâmica principal da noite foi proposta: criar uma cápsula do tempo para nossa querida Maria. Que tarefa difícil!

Escrever algo para alguém no futuro ler. Foi definido que a cápsula do tempo criada naquele momento seria aberta daqui a dez anos.

Daqui a dez anos a dinda que aqui escreve esta carta estará com 40, o que pode acontecer, qual o futuro encontrará a nossa querida Maria Manu?

Será que daqui a dez anos nossa tecnologia terá nos superado, estaremos vivendo a tal da Singularidade?

Será que daqui a dez anos estaremos viajando para Marte para nossa primeira colônia extraterrestre?

Será que daqui a dez anos estaremos vivendo uma catástrofe climática imensurável e irreversível, causada pelo egoísmo humano?

Será que daqui a dez anos teremos desvendado o nosso universo, entendido e comprovado a energia escura?

Será que daqui a dez anos teremos feito o nosso primeiro contato com os seres de outro mundo e, assim, ampliado a nossa visão sobre o nosso planeta e a nossa existência?

Quanta coisa pode acontecer em dez anos, mas, naquela carta, naquele momento, eu só desejei uma coisa: que daqui a dez anos nossa querida Maria possa encontrar um mundo melhor que hoje.

17 – Primos

Kelly

São 22h45 de uma sexta-feira, bate o sinal estridente. Triiiim! Acabou a aula. Os alunos se espremem nos corredores, correndo para não perderem o horário do ônibus.

Nunca volto para casa sozinha. Após a descida do ônibus, ainda tem uma caminhada de quase 1 km em uma rua escura até chegar na comunidade. Quase estuprada uma vez, jamais faço esse caminho desacompanhada.

Vem meu primo na porta da escola. Sorriso muito branco, negro retinto que a pele chega a brilhar. Nossa avó o chamava de diamante negro.

Eu chego animada:

— E aí, primo, sextooou! Não vou trabalhar amanhã... uhuuu!!!

Começamos a subir a ladeira, era o caminho mais perto para o ponto de ônibus.

Lá vem uma viatura bem devagar. Ela para, o vidro abaixa, o policial grita:

— Parados, vocês dois aê!

Dois policiais descem do carro com cara de poucos amigos, quem é da periferia já sabe que deve ficar quieto.

O policial olha para mim e pergunta:

— O que a branquinha tá fazendo com esse preto?

Mesmo sangue, mesma família, mas minha mãe me teve com homem branco, minha pele branqueada pela genética desce como um manto de segurança ao pior do ser humano.

— Ele é meu primo, está voltando do trabalho e eu da escola.

— Primo, sei... Escola? Sei... Está passando bagulho aqui, vagabundo?

— Não, senhor, eu sou trabalhador, olha, eu posso provar.

Meu primo enfia a mão na mochila para pegar algo.

Foi muito rápido o disparo, meu primo caindo, o barulho no chão.

Não lembro de ouvir o meu grito de desespero, mas a recordação viva dos olhos abertos, da pele brilhando, do sangue escorrendo chegando até a mão que segurava a carteira de trabalho... Do outro lado, a marmitta vazia caída da mochila.

Os policiais desaparecem em disparada.

Ficamos eu, o corpo do meu primo e a marmitta estendida no chão.

Hoje eu volto sozinha pra casa... Poxa! É sexta-feira.

18 – Aventuras e uma perna quebrada

Allana

Meu pai e minha mãe receberam a oferta de morar nos fundos de uma fábrica de balão, a proposta era que eles trabalhassem na fábrica durante o dia, eu era muito pequena e ainda não entendia o que acontecia. Sempre escolhia ficar com a minha avó e bisavó a ir mudar de cidade com eles, pois cuidávamos umas das outras. Minha mãe sempre ia e levava meu irmão menor. Por sorte dessa vez eles estariam na cidade ao lado.

É impossível enumerar quantas aventuras vivia ao lado do meu irmão caçula nessa época. Vez ou outra minha mãe enchia a piscina de bolinhas ou tobogãs para a gente brincar e ela sempre brincava junto. A chácara onde morávamos tinha um campo enorme com um quintal e um pé de manga. Eu e meus irmãos gostávamos de brincar no monte de serragem, eram várias montanhas enormes com pó de madeira. Era muito muito alto e tinha vários montes.

Lembro que no começo minha mãe nos acompanhava até lá, contando como ela brincava nos montes de algodão, eu nunca vi uma plantação de algodão na sua época. De todo modo, eu imaginava que aqueles montes de pó de serra eram montes de algodão.

Eu e meu irmão voltávamos para casa com muita coceira pelo corpo todo. Em alguns momentos, eu carregava ele no colo, em outros, corríamos um atrás do outro.

O lugar em que brincávamos era a parte mais alta do local e eu já sabia vários caminhos para chegar até lá. Ia correndo, escondida da minha mãe. Depois de tantas andanças, fizemos amizades com os vizinhos, visitamos outras fábricas, subíamos em tratores e caminhões. Uma vez uma família pediu para participarmos da foto deles em um trator, pois nossa presença ali era bela e inesperada. Nossa última aventura naquele lugar aconteceu quando meu irmão quis pular de um morro. Eu olhei, achei muito alto, fiquei com medo e falei:

— Pode pular, eu te seguro lá embaixo!

E desci pela trilhazinha até a parte de baixo do terreno. No ponto final de lá, vi meu irmão tão pequenininho, lindo e animado para pular no meu colo. Ele pulou, eu tentei segurá-lo, mas acabei por cair junto. Não deu tempo de pensar que aquilo não daria certo, foi divertido planejar aquele salto, ambos estávamos confiantes! Acabei por carregá-lo até em casa, enquanto ele chorava muito. Meu irmão quebrou a perna na queda, a recuperação foi rápida, porém nunca mais segurei meu irmão no colo.



Fotos: *Luara Fagundes*

19 – Quando a casa engole a gente

Zezinho

Ela sentia que cada pedacinho daquela casa parecia estar cheirando, observando e se aproximando aos pouquinhos dela: a casa caçadora. Então, a casa caçadora sentiu o cheiro, viu, se aproximou, lambeu, mastigou. Mas não engoliu o cheiro-a vista-o de perto-o gosto e a textura da menina-velha. A menina velha cheirada-olhada-aproximada-lambida-mastigada e, agora, cuspida.

A casa-caçadora não entendeu o porquê ser tão difícil engolir essa menina-velha. Tanta gente a casa já engoliu. Gente e bicho. Gente-bicho. Até naquele-lá-de-bigode a casa deu um jeito. É assim. Primeiro tem que destruir os dentes. Quem que vive sem dente? Perdendo o de mastigar, só sobra comida mole para comer. Então o bigodudo acabou ficando mole também. Você é o que você come, todo mundo sabe. A casa bebeu ele de canudinho. Depois disso tiveram outros. Cada um tinha um segredo de como a casa conseguiria engolir. O pulmão era batata. E o coração então? E a casa gostava assim, morte de dentro para fora, sem lambança. Mas a menina velha, não. Não tinha banguelice, não tinha ataque cardíaco, não tinha embolia que pegasse ela até que a casa esqueceu da menina e a menina esqueceu que era velha.

Eu olhava para a menina o tempo todo. Pensando em cada ruga hachurada da pele que parecia não ter mais um espaço sequer. E cada dia que a menina acordava, ela remodelava o espaço-tempo de forma diferente e escolhia onde queria nascer. Ontem ela tinha 4 anos. Brincadeiras-cantigas-doces-manhãs-risadas-rimas. Hoje, ela acordou com vinte e sete filhos pequenos-torrar o café-dias na roça-jardinagem.

E nesses nascimentos-diários é como se cada dia ela estivesse tendo uma oportunidade nova para aprender a morrer. Mas minha vó sempre escolhe nascer.

20 – Das tardes de rainha

Fran Dias

Quando saía da escola, às 11h30, sentava-se nos fundos da Kombi e, logo ao seu lado, posicionavam-se os alunos do ensino médio, com toda a algazarra. Ela gostava de ler nesses momentos, mas alguns dos meninos conversavam com ela, lhe davam um cutucão nas costelas e roubavam das letras sua atenção.

Um dia, um deles lhe mostrou um tablete de maconha que estava vendendo. Por gostar dele, deu atenção, sentiu o cheiro do retângulo verde, mas teve medo. A mãe tinha horror a drogas; se ela fosse uma mosca e visse aquela cena, certamente, gritaria por horas de vergonha. Ela já havia beijado o garoto, sabia que ele também gostava dela, mas se entristecia por ele não notar como era perigoso carregar sua carga, ela temia que ele fosse para o inferno, como avó a ensinara, que iriam os que se entregavam aos vícios.

Quando todas as crianças desciam no último sítio no profundo da estrada, a Kombi fazia meia volta e retornava pelo mesmo caminho, com ela ainda ali. Sua casa era em um dos primeiros sítios da estrada, mas ficava no alto de um morro e a subida a pé tomava de vinte a vinte e cinco minutos de caminhada no sol a pino. Ela então combinava com seu Geraldo, o motorista, de esperar todo o percurso de entrega das outras crianças para subir o morro de Kombi e não amargar no sol. Assim ela fazia e, aproveitando para observar todo o caminho, se fazia íntima de toda a natureza próxima e de suas belezas.

Chegando em casa, trocava de lugar na Kombi com o irmão pequeno e ia almoçar a comida que estava esperando. Quase sempre comia sozinha, pois a mãe levava o almoço para os homens que estavam na roça.

Já saciada, ia brincar pelo quintal, subia num bambuzal morto, cortado há muito, mas que se recusava a sumir. Ali pulava de uma altura para outra com a destreza que só os 10 anos de infância marota lhe permitiam ter. Por vezes, sentava-se entre os tocos e se imaginava uma rainha altiva, observando toda a extensão verde de soja e sonhando que lhe pertencia o horizonte todo, que ela mandava em si e nos patrões. O pai comia fazendo companhia na mesa e a mãe poderia descansar com ela no colo como faziam antes de morar no sítio.

Alguns dias adormecia no meio do mato e nas madeiras secas entre as formigas, e a mãe a encontrava lá por volta das 15 horas.

O tempo seguiu e, pouco antes de se mudar dali, já era mulher crescida, o patrão mandou botar fogo no bambuzal, com raiva reprimida assistiu ao seu trono tornar-se cinzas, há algum tempo ela entendera que era dona apenas de si, e esse pequeno pertencimento já exasperava todos à sua volta.

21 – Tangerina

Erick

Era um domingo à tarde, estávamos sentados na varanda, comendo uma tangerina, quando Raquel perguntou:

— Pai, por que você me ama?

Tomado por uma surpresa de quem recebeu um elogio inesperado, respondi:

— Filha, eu te amo porque você é minha filha, você foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida!

Ela, não satisfeita, respondeu:

— Tá. Qual o tamanho do seu amor?

— É grande.

— Grande o quanto?

— É grande.

— Amanhã, você vai me amar também?

— Sim. Aliás, hoje eu te amo mais que ontem. E a cada dia esse amor só aumenta.

Ela ficou em silêncio e pediu mais um gomo da tangerina. Com um olhar de quem estava refletindo no assunto que tínhamos conversado há pouco, ela vira e diz:

— Pai, posso fazer mais uma pergunta?

Eu respondi:

— Claro, filha! Pergunte o que quiser... Se eu souber, respondo.

— O que é o amor?

22 – Conexão

Beatriz Miyuki

Por vários motivos, nos vimos, por vezes, presos em nossas bolhas. Nos refugiamos no que é confortável e nos conectamos com os outros somente por vias artificiais, indiretas.

E o contato da pele, da vivência, do face a face, é insubstituível. Eu havia dedicado os últimos quatro anos da minha vida à educação e ao ensino da leitura e escrita. Tinha importância e significado para mim. Mas eu não sabia que ainda estaria para encontrar, de forma tão visceral, o real motivo-guia para os caminhos que escolhi.

Era o correio e ela era uma mulher, nem jovem nem velha. Eu estava preocupada com o prazo de envio do meu texto para a banca e demorei para entender o pequeno conflito que se desenrolou à minha frente. Minha carta em mãos e o endereço no celular. Ela não era capaz de escrever. A funcionária dos Correios era proibida de escrever por ela.

“Precisarei pegar o ônibus e voltar para o trabalho para pedir que escrevam por mim”, ela meio que lamentou, meio que implorou à funcionária. Ofereci minha ajuda e ela me olhou copiar, agradecida. Fui cuidadosa e minuciosa, só faltava a carta chegar ao destino errado. Algo na estrutura, na minha estrutura, já estava abalada. Quando ela me deu 10 reais e não aceitou minha recusa, ela terminou de desabar.

O primeiro pensamento que veio à mente foi que nós, humanidade, estávamos falhando miseravelmente. O meu esforço cego, nosso esforço, não, não era o suficiente. Como poderia ela ter sido privada da comunicação, do símbolo, das produções da humanidade?

Às vezes precisamos de um chacoalhão. Um balde frio de verdade. Não para paralisar e nos corroer de culpa em indignação. Mas para mudar. Para encontrar motivo para seguir em frente. Para encontrar forças. Para unir forças.

Pois, quando tocamos outra alma, encontramos compreensão sobre o mundo e sobre nós. Encontramos propósito. Entendemos que a implicação e a responsabilidade é nossa. E nossa em conjunto.



Fotos: *Luara Fagundes*

23 – Nunca é a mesma tinta, nem a mesma cômoda

Mariana Faleiros Silva

No passado, em outra década, quando eu tinha menos idade que os dedos de uma mão, brincava com panelinhas vermelhas enquanto os meus pais preparavam a chegada da minha irmã, que, na época, morava na barriga — impossível de abraçar — da minha mãe. O pai pintava uma cômoda usada de branco para acomodar os pertences e fraldas da última integrante da família. Ferramentas no quintal, estação de rádio da cidade tocando, microgotinhas de tinta spray voando no céu, panelas no fogão, todo mundo em casa. Parecia final de semana, mas não sei se era. Não existe número em dia quando se é pequeno demais para se importar com isso.

O fundo das gavetas era forrado com banner de produto do último emprego que meu pai teve. E essa é a principal porta de acesso a essas lembranças, sempre que vejo a embalagem do produto nas gôndolas volto para a tarde em que a tinta voava no céu.

Anos depois, com idade que se conta nos dedos de muitas mãos, o mesmo pai entra com outra cômoda usada, dessa vez de verde-menta, para minha irmã que viveria outra vida: ferramentas no piso da área pequena, rádio local tocando, panelas no fogão, microgotículas de tinta voando no vento, todo mundo em casa. No final de semana, sábado, para ser mais precisa. O forro das gavetas também mudou para papel de presente.

Mais de vinte anos separam uma pintura de uma cômoda da outra, guardo as duas na mesma caixa de lembranças na prateleira da minha mente.

Não tenho muito contato com essas tintas fluidas que explodem e dançam com o vento; já não ouço mais a estação de rádio da cidade onde nasci. E agora, morando em cidades diferentes, nem todo mundo está em casa. Muito mudou, menos a vontade quase obrigatória de pintar algo quando as coisas mudam: paredes, cadeiras, cabelo, unhas, telas de tecido...

Quando faço, uso pincel. Vejo a tentativa nas cerdas. Não me aventuro com pistola de tinta, não por medo da máquina ou de pintar falhado, mas sim pra não sucumbir à vontade de ficar só olhando as microgotas dançando no vento sem colorir céu. Isso faria uma bagunça danada no apartamento sem quintal.

24 – Maré alta

Janaina de Souza Pontes Alves

Uma viagem planejada com calma, em um período de férias merecido depois de dois anos difíceis, um biquíni novo, caipirinha de cajá na mão, o sol a pino, tudo perfeito, se não fosse o azul e barulhento mar da Praia de Ponta Negra me lembrando que um dia meu pai viveu tão perto dele e não o tocou, mas eu, no alto do meu privilégio, de tão longe, conseguia estar ali, com tato, olfato e paladar.

Eu não tinha esse direito, era ele que estava me encarando e me dizendo, por meio das ondas violentas que batiam nas pedras.

Meu pai era um potiguar raiz, vivia de um açude antes de se mudar para São Paulo, onde trabalhou como funcionário de supermercado, açougueiro, motorista de ônibus. Do açude, veio um câncer de pele que se tornou outro câncer e outro e mais outro e meu pai não resistiu, nos deixando aos 45 anos, sem conhecer o mar de Natal, onde viveu metade de sua vida.

A pergunta era: “Mas por que ele nunca foi à praia em Natal? A praia é de graça!”. A resposta só veio quando eu estive lá. Sentia que eu não tinha esse direito. As pessoas que se pareciam comigo estavam lá para servir quem também se parecia comigo, foi aí que eu entendi meu pai e a maré subiu nos meus olhos como a linha do horizonte azul que desaparecia lá na frente.

Aquele choro era para ser de felicidade, mas o desespero tomou o lugar do sangue que corria nas veias.

Desculpa, pai. A gente não merecia isso. A gente merecia muito mais. Esse mar é seu, essa areia é sua, a luz e o calor do sol também.

Um mergulho na espuma barulhenta, o gosto da água salgada, o cheiro da maresia. A gente merece, pai. Você sempre mereceu. Obrigada por me trazer até aqui.

25 – Medos e infância

Inês Moreira Andrade

Quando menina, entre uma brincadeirinha e outra, sempre havia um momento em que sentávamos na calçada e contávamos histórias. Muitas delas eram de assombrações, espíritos malignos que viviam em meio às pessoas. Me arrepiam ainda hoje algumas delas quando vêm na lembrança.

Minha mãe dizia que, caso ouvíssemos barulhos suspeitos, deveríamos fazer o sinal da cruz e rezar o “creio”. Dessa forma, espantaríamos qualquer mal.

Então adivinhem: durante muitas noites de vento forte e tempestades, fiquei rezando de mãos postas e fazendo o sinal da cruz. Temia a escuridão e ruídos, enquanto relâmpagos e trovões me torturavam.

Acontece que cresci tentando me convencer de que tudo isso não passa de crenças, porém ainda me pego rezando e fazendo o sinal da cruz para espantar os espíritos maus que possam estar rondando minha casa. Ventos e tempestades já não me assustam, mas o escuro... esse só enfrento se estiver comigo vela e fósforos ou ainda a lanterna do celular.

26 – A cidade sem semáforos

Bruno Barra

Para ouvir ao som de Liniker.

Era janeiro. Verão. Fui viajar sozinho.

Minha primeira vez na Bahia. Aquele estado mítico. A realização de um sonho! Sul do estado, no sul do mundo. Dentro de mim: um furacão de tudo.

Hotel, desprendido, tudo compartilhado, anseio de liberdade, gente jovem reunida. Nas ruas de Porto Seguro, me senti um pouco na Índia: não havia semáforos, carro pra todo lado. Se joga pra atravessar, uma loucura!

Numa noite com os amigos recém-feitos, no distrito dos hippies, Arraiá d’Ajuda: o primeiro encontro. Era um boy de Goiânia, transamos na praia, alta madrugada.

Algumas noites depois, rolou show daquela banda famosa. Todos os passinhos ensaiados, agitação, compadre Washington no palco. Amarra o tchan, segura o tchan. Achei que o encontraria no show, mas marcamos para depois.

Acabado o espetáculo da brasilidade, rumei com alguns amigos para outra direção, iríamos à orla da praia fumar um baseado. Eu e um casal de Mochileiros. No caminho, tinha uma pedra. Paramos para esperá-lo. Localização ativada. Ok!

Eis que o pedregulho transformou-se em pedra preciosa, daquelas que brilham muito.

Vinha de longe um rapaz, junto de dois amigos. Alto como eu, cabelos grandes ao vento, forte e vestia uma regata de crochê branco. Foi tipo uma coisa de cinema, o tal do amor à primeira vista. Nossos olhos se encontraram e caminharam juntos. Passou por mim, sorriu, eu sorri também.

Ele continuou andando, mas olhou pra traz e eu disse “oi”. A Amiga Mochileira, libriana e bem ligeira, gritou logo:

— Gatinho, vem cá!

Ele veio e eu falei pra ela:

— Tá maluca? E o goiano? Está quase chegando!

— Não tem problema, vai pra lá que eu cuido. — Segui o seu sábio conselho e fui.

Um abraço, um selinho e um encontro: tudo culpa dos olhos.

— Você bebe cerveja? — perguntei.

— Não, sou intolerante a glúten!

Fomos então comprar uma água e escrevi qualquer desculpa para o outro cancelando o encontro. Decisão acertada.

Ficamos um tempo na orla daquela praia do centro, os Mochileiros sumiram e nós nos encantamos. Ele, baiano nato, cria daquela cidade. Bailarino clássico e estudante do curso de artes.

Ele voltou pra casa, eu pro hostel, e marcamos de pegar uma praia no dia seguinte. Não rolou. À noite, entretanto, subi o morro, fui conhecer o complexo do Baianão, na casa de um grande baiano. Ele disse que me buscaria até de bicicleta, e essa foi a primeira declaração de amor. Deixei o cansaço do dia de praia e fui: ele foi até o centro me encontrar e seguimos de lotação.

Morava sozinho, mas o irmão estava passando uns dias lá.

Quarto dele, as horas passaram de outro jeito.

Nos olhamos, nos admiramos, havia ali muita grandeza do contato do corpo dele com o meu. Contamos nossas histórias. O dançarino me disse que nosso beijo era como uma coreografia. O danado não bastasse saber dos movimentos, era também hábil com as palavras.

De manhã cedo, nos demoramos na cama, era difícil desgrudar. Durante a longa conversa da noite, eu disse que minha caneta havia estourado e não gosto de ficar sem. Na manhã seguinte, ganhei uma de duas pontas e um caderno de anotações.

Ele fez com as próprias mãos. Seu TCC era sobre um objeto chamado “livro do artista”, e ele confeccionou seus cadernos baldios. Para além de tudo, os poetas dos nossos imaginários eram os mesmos.

O café da manhã foi na feira, ele me levou no cano de sua bicicleta e me mostrou a periferia da Bahia.

Duas noites depois, na véspera da minha partida, nos encontramos ali perto de onde nos olhamos pela primeira vez. No dia seguinte, vários amigos iriam embora e nós saímos em bando. Ele, cheio de vergonha por estar rodeado de turistas. Me zoavam por ser do Sul e eu adorava.

A Bahia é mesmo muito melhor. Imaginamos uma porção de coisas para o futuro. A festa acabou, porém.

Sem muitos ritos de despedida, o vi entrar na lotação e subir o morro. Segui também minha estrada, em outro sentido, mas, depois que meu olho olhou no olho dele, ganhou um brilho diferente.

A cidade era sem semáforos, mas, em mim, alguma luz se acendeu.

27 – Por via das dúvidas

Rebecca M.

Meu cabelo sempre foi curto, parecia um menino, então deixei crescer. Minhas pernas e braços tinham muito pelo, parecia um menino, então os cobri. A calça que eu usava apenas os meninos usavam, então troquei de calça.

Minhas sobrancelhas quase se juntavam, então comecei a fazê-las para não parecer um menino, Afinal, eu era uma menina?

— Você não é moleque pra sentar de perna aberta assim!

Então sentei com as pernas fechadas. Agora eu era uma menina, certo?

Mas, mesmo com os esforços, os garotos da minha sala não pareciam com pressa de brincar comigo, sempre pediam para eu esperar sua volta do banheiro para que fizéssemos algo. Mas, por algum motivo, nunca dava tempo.

Tudo bem! Enquanto aguardava, assistia aos filmes que a minha cabeça criava com as minhas histórias preferidas, todas tinham espadas, guerreiros e magia. Era algo que eu fazia frequentemente, ficava escondido nas minhas aventuras como o herói, com cavalo, uma espada e uma vila para salvar. Um dia na escola, um menininho baixo que usava óculos levou seu brinquedo novo. Estava um dia claro, sexta-feira. O que eu vi do brinquedo era algo incrível, um castelo que precisava de duas crianças para carregar, soldados com armaduras prateadas e três dragões. Para mim, era um sonho vivo.

— Você é menina. Não pode brincar com a gente!
Abaixei a cabeça e saí. Que estranho, não era para eu ser uma menina mesmo?

Tive que me contentar então. Que bagunça na cabeça das pessoas, não se decidiam. Mas por via das dúvidas, agora eu tinha que ser uma menina, certo?

28 – Certezas

Noemi Alencar de Lima Meira

A enfermeira entrou no quarto e anunciou que podíamos ir para casa, naquele momento bateu em mim a primeira insegurança: “E se eu chorar?”.

Lá fomos nós: marido, filha, eu e aquele serzinho de apenas 3 dias. Mal sabíamos o que nos esperava (literalmente).

Entrei em casa e as dúvidas estavam lá, me esperando sentadas no sofá. Nem me esperaram tomar banho e já me dominaram: “Deixo ele no berço ou no carrinho? Roupa de frio ou de calor? Ar-condicionado ou janela aberta?”.

“Cadê as certezas que moravam em mim até quatro dias atrás? Pari junto com o bebê, só pode!”, pensei.

Não tive muito tempo para pensar nessas dúvidas (detalhes). Com cinco dias de parida, só sabia chorar. Era o sol baixar que as lágrimas e a tristeza apareciam. “Meu Deus, essa não sou eu, cadê a alegria que vivia em mim?”

Primeiro foram-se as certezas, depois a alegria. Não era isso que imaginei “ser mãe”?

Para minha alegria, a tristeza era passageira, um tal de “baby blues”. Opa, voltei a ser eu! (ingênua, acreditei).

Novamente, mal sabia o que me esperava.

Com quinze dias de parida, me deparei com as temíveis cólicas. Eram três horas seguidas de muito choro. Incessante! (vocês não queiram saber o que é isso). Ficava à noite acordada entre choros e mamadas. E, durante o dia, tinha que cuidar do bebê e procurar soluções para as benditas cólicas. Afinal, algo estava errado, como pode um bebê chorar tanto?

Nesse processo de busca por respostas, não encontrei resposta para cólica tão cedo. Levou oito meses para achar o nome do “algo errado com o bebê”: era APLV (alergia à proteína do leite).

E como sair ilesa de oito meses de choro? Não saí, óbvio! Nas buscas por respostas, encontrei um caminho da minha essência.

A maternidade (segundo filho) me levou as certezas, a alegria (temporariamente), o meu tempo de ócio etc. etc., mas me trouxe de volta ao lar, de volta a mim mesma. Não estou pronta, estou em reconstrução e construção



Fotos: *Luara Fagundes*

29 – O risco preto das pálpebras inferiores

Isadora Zamarque

Um olhar esverdeado mira a verde mata, encontra ressonância. Ela pinta as pálpebras inferiores de preto, porque o efeito do risco penumbra só no dia seguinte.

Agora, esses mesmos olhos esverdeados encontram o seu reflexo nas águas barrentas do rio Abiauaqi.

Mato.

Ela está preparando a sua migração da selva para as margens da obliquidade feita de floresta pavimentada. Ficaria sem sua comida, sua terra, sua relva de cheiro ácido e de seivas grudentas que saíam desesperadas das cascas dos troncos

Um longo êxodo a dividiria entre a sua casa e seu estrangeirismo. Contudo, a jaguatirica precaveu-se. Resolveu encurtar os caminhos que separavam de si mesma. Para isso, levou vários dos de comer, alguns dos de beber e outros apenas para usar junto dos de comer e dos de beber. Continha nesse variado um envidrado de chimia de figo, que é para o povo jaguatirica alimento capaz de membrar distanciamentos. E a jaguatirica do mato, com seus olhos penumbrados e suas patas esfoladas de pavimento floresta, encontrava na chimia de figo alcance desejável na hora do penoso afastamento.

Em movimento de êxodo, a jaguatirica atravessou a sua primeira obliquidade, feita de floresta pavimentada. Espantou-se. Inclinações largas e porosas, com todo o tipo de bicho e que também estavam em êxodo. Sentiu-se só e só não estava. Observava os órfãos da selva, vinham aos montes, para complementar com a sua dose de orfandade.

Desacompanhada dos jaguatiricas, porém acompanhada de seu povo através do variado de comer, de beber e do envidrado de chimia de figo, que a jaguatirica do mato carregava nos dentes como um alimento da sorte.

Uma raposa de patas barreadas tropeçou na lomba da jaguatirica. Seu rugido instantâneo e instintivo deixou quebrar o seu amuleto envidrado. E estilhaços desmembraram o corpo que se unificava.

Já não tratava mais da separação ou do afastamento. Agora era a hora da jaguatirica do mato estar de corpo inteiro na hora da ausência. Riscar de preto as pálpebras inferiores até o seu reflexo nas águas barrentas do rio Abiauaqi.

30 – O marinheiro

Paulo Ricardo Rinaldi da Silva

Pensei que fosse mais um dia comum, me levantei, tomei meu café amargo, me vesti com o uniforme da Marinha e fui em direção ao trabalho. No caminho me vieram memórias da minha infância, ser marinheiro sempre foi meu sonho, naquela época costumava brincar com o meu cachorrinho, como se nós fôssemos marinheiros em uma missão muito importante, acredito que isso moldou o desejo, que anos depois viera a me tornar o que sou hoje.

Chegando no navio principal da Marinha, tudo ocorreu como sempre, preparamos tudo, rezamos e embarcamos. Algumas horas se passaram e tudo estava tranquilo, memórias da minha falecida esposa invadiram meus pensamentos, lembrei de quando a conheci em um bar, no dia da minha formatura. Eu dei em cima dela e ela me ignorou, ela era durona, isso fez eu me apaixonar por ela. Com o tempo e muita insistência, consegui chamá-la para sair. Aos poucos nos apaixonamos e, três anos depois, nos casamos, mas, como nada na vida é perfeito, oito anos depois ela descobriu um câncer e, um ano depois, veio a falecer. Desde o seu enterro, guardo a aliança dela na corrente que uso no pescoço. Até que o capitão recebe o comunicado de que um avião caiu no mar e que nós devíamos socorrer os sobreviventes.

Todos se preparavam enquanto íamos em direção ao local. Ao chegar, podia ver claramente que ainda haviam muitos sobreviventes, os marinheiros estavam prontos para salvá-los, mas o capitão gritou para não entrarem na água. Devido aos destroços do avião, era quase impossível entrar, afinal, os pedaços do avião eram metais extremamente cortantes, as ordens foram de evacuação, mas eu não podia descansar deixando tantas pessoas morrerem. Então, ignorando as ordens do capitão, eu vesti o básico do material. Eu soltei, nadei em meio aos destroços e, puxando os feridos, enquanto abria caminho com meu próprio corpo, sentia cada pedaço me cortar como se fossem navalhas, mas a dor não podia me impedir. Já perto do navio, os outros marinheiros só tiveram que puxar os sobreviventes. Foram resgatados quarenta e sete, e doze deles não resistiram aos ferimentos. Quando voltei ao navio, estava completamente sem fôlego, senti o sangue escorrer pelo meu corpo enquanto perdia a consciência e... por um segundo... eu a vi de novo.

Quando acordei, estava no hospital, cheio de ataduras, e uma dor insuportável. Algumas horas depois, o capitão entra no quarto e me dá uma bronca por desobedecê-lo, mas diz que esse é o trabalho de um herói, ele joga então o jornal no meu colo que tinha como título: “O Herói da Marinha”.

Depois de alguns meses, retornei para casa. A primeira coisa que encontrei foi o retrato da minha falecida esposa. Infelizmente, a aliança que carregava comigo foi levada pelo mar, não consegui resgatá-la, foi levada pelas águas assim como ela foi levada pela morte. A dor de perder o anel me lembrou o que eu senti quando a perdi.

Anos se passaram, e eu já havia ganhado muitas medalhas e títulos por vários outros atos heroicos, e agora eu já estava velho, com meus 87 anos. Morava sozinho com um cachorro chamado Hércules, da raça golden. Sempre caminhávamos na praia nos fins de tarde, afinal era bem perto de casa. Mas, naquele dia, algo aconteceu, encontrei um objeto brilhante na areia. Quando finalmente o peguei, não acreditei, era aliança dela, que eu havia perdido na missão de resgate aos sobreviventes, eu sabia que era dela, por conta das iniciais no lado de dentro, o mar havia devolvido a memória da minha amada.

Na noite do mesmo dia, senti uma crescente dor no meu peito, escutei o meu cão ganir do outro lado da porta, eu já sabia o que estava acontecendo, mas parei de encarar a morte como algo ruim desde que perdi a minha esposa, comecei a encarar como uma passagem, para ver o meu amor mais uma vez. Apertei a aliança que me foi devolvida pelo mar contra o meu peito, suspirei uma última vez e descansei em paz, sabendo que cumpri meu papel.

31 – Memórias de uma vó

Janaina Sales de Freitas

No pequeno quintal, morávamos em quatro famílias. A família da tia Maria e os três filhos; a minha família com três crianças; a família da tia Lena com mais três crianças e a avó Arlinda com o meu tio solteiro Valdir Josué.

Susana e eu éramos maiores e sempre ajudávamos a vó nos afazeres diários. As brincadeiras e as brigas de crianças eram sempre monitoradas pela vó Arlinda que era muito brava e volte meia jogava chinelo em um dos meninos mais traquinos ou as contas eram acertadas na hora do banho, porque, mesmo os que tinham corrido da “pisa”, teriam que voltar para casa banhar.

Nas férias escolares, os dias ficavam longos e a comida era escassa, mas a vó Arlinda reunia as crianças e caminhava longe em um sítio de alguns conhecidos para coletar lenha para pôr no forno e assar pão. Ao queimar a lenha no forno e depois de já termos ajudado a amassar e cilindrar o pão, era hora de colocar no forno. Ela rasgava a palha de milho seca e jogava no forno. Se a palha queimasse rapidamente, era que o forno estava muito quente, assim, seria necessário molhar um pano e colocar na boca do forno para diminuir a temperatura, mas, se a palha não enrolasse, era porque estava frio e precisaria crescer mais o fogo. Se a palha enrolasse lentamente sem queimar, era porque estava no ponto e os pães colocados na folha de bananeira poderiam ir ao forno. Comer só quando todos estivessem em casa, pois a vó dizia que a receita iria minguar.

Somente anos depois percebi que era muita gente para pouca comida. Um dia, ao comer o pão juntos, a tia Maria contou para a vó que uma das vizinhas tinha ganhado um “menino homem” e a vó comemorou o nascimento do machinho. Na época, não entendi ao certo tanta euforia pelo nascimento de um menino homem.

Anos depois, surge a oportunidade de eu entrar na faculdade com meia bolsa e, sendo a primeira a ir para universidade, fui contar pra minha vó Arlinda, uma mulher forte, determinada, sempre pronta pra tudo.

— Vó, eu vou fazer faculdade.

— Estudar? Estudar é pra homem!

Fui para casa com a sensação de ter levado um balde de água fria. A vó faleceu sem eu ter me formado e me recordo que, viúva por muitos anos, ela jamais quis outro homem, outro senhor. Ela era tão bem doutrinada a ser submissa que, embora tão ativa, jamais conseguiu deixar esse lugar. Minha mãe conta que quando o avô Francisco era vivo, eles cultivaram uma fazenda de café e, ao final, o proprietário não cumpriu o acordo feito e a vó disse:

— Seu Luiz, se eu vestisse calças, o senhor teria que cumprir o acordo. Isso não ficaria assim.

Entre submissão e força, a vó criou muitas mulheres fortes, livres e empoderadas.





2023